



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

UMA VISÃO INTERDISCIPLINAR DO CARNAVAL¹

Ana Lúcia Nishida Tsutsui - UMESP

Taís Rios Salomão de Souza - UMESP

RESUMO: *Considerando-se o Carnaval como fenômeno contribuinte para a formação da nacionalidade brasileira e levando em conta sua importância como símbolo da identidade nacional, esta pesquisa busca realizar um estudo do folguedo, através da comparação de diferentes leituras acerca do tema. O objetivo principal do trabalho é considerar a forma como autores com diferentes formações dissertam sobre o mesmo assunto. A escolha destes escritores, por sua vez, não foi eventual; trata-se de formadores de opinião que publicam artigos em um jornal de grande relevância nacional. Através do confronto de suas visões diversas, determinadas pelas especificidades de suas experiências, a pesquisa configura-se como uma análise interdisciplinar do Carnaval.*

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



Introdução

A origem do Carnaval está na Europa, mas foi no Brasil que ele obteve uma adaptação e expansão inesperadas, jamais atingidas em sua região de origem. A partir da incorporação de elementos característicos da cultura popular brasileira, a manifestação sofreu modificações; transformou-se em símbolo da identidade nacional.

A contribuição deste fenômeno para a formação da nacionalidade brasileira fez com que muitos autores versassem sobre o tema. Estudos em diversas áreas do conhecimento revelaram sua importância, permitindo diferentes visões nos campos sociológico, psicológico, etnológico e antropológico.

Desta forma, pesquisá-lo é indispensável para perceber que o Carnaval vai muito além do que é estampado na mídia durante a época de folias. Na realidade, atua e reflete manifestações sociais, culturais, políticas e artísticas.

Por ser um projeto de iniciação científica, que tem na interdisciplinaridade seu foco, diferencia-se dos demais estudos que discorrem sobre esta temática os quais acabam se centralizando em apenas um aspecto.

De qualquer maneira, são muitos os aspectos que envolvem tal manifestação e, conseqüentemente, são inúmeras as interpretações possíveis. Logo, teve-se a pretensão de apresentar não uma revisão detalhada sobre a definição do Carnaval, pois, para tal, haveria necessidade de uma pesquisa minuciosa sobre as várias facetas dos assuntos ligados a esse objeto.

O objetivo deste trabalho é considerar a forma como autores com diferentes formações dissertam sobre o mesmo tema. A escolha destes escritores não foi eventual; trata-se de formadores de opinião que publicam artigos em um jornal de grande relevância nacional. Através do confronto de suas visões diversas, determinadas pelas especificidades de suas experiências, a pesquisa configura-se como uma análise interdisciplinar do Carnaval.

Descrição da pesquisa



O tema do presente trabalho surgiu a partir de um debate do Projeto Atualidades² promovido, em 20 de fevereiro de 2002, pelos integrantes do grupo PET (Programa Especial de Treinamento) de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Trata-se de um grupo de iniciação científica, fomentado pela Secretaria de Educação Superior (SESu), cujo objetivo é “oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando à formação de um profissional crítico e atuante; além de promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional, especialmente no caso da carreira universitária, através da interação constante entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão”. (Manual PET, 1995)

A discussão sobre Carnaval baseou-se em quatro artigos publicados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, entre os dias 9 e 14 de fevereiro de 2002, propostos pela bolsista Ana Lúcia Tsutsui. Foram selecionados os seguintes textos: *Imperatriz, Mangueira, Beija-Flor, etc.* de Rachel de Queiroz; *Guia do Carnaval* de Luis Fernando Veríssimo; *De camisa amarela, volto aos velhos carnavais* de Arnaldo Jabor; e *O grande seqüestro do Brasil pelo Brasil* de Roberto da Matta.

Diversas questões foram levantadas durante o debate e, dentre essas, alguns tópicos foram destacados: exploração turística, importância cultural e econômica e aspectos históricos do Carnaval. Além disso, abordou-se a modificação sofrida pelo folguedo através das décadas.

Perante o interesse dos autores deste trabalho em aprofundar a discussão, a tutora do grupo sugeriu a elaboração de uma pesquisa científica. Para tal, fez-se necessária uma revisão literária sobre o tema, além da contextualização dos referidos artigos e de seus respectivos autores.

Como fonte inicial de revisão bibliográfica, utilizou-se um estudo realizado por alunos de graduação da Faculdade de Comunicação Multimídia da Universidade Metodista de São Paulo, concluído no segundo semestre de 2001. Tal estudo, intitulado *Um Olhar sobre o Carnaval*, propunha-se a analisar os diversos tipos de influência que o Carnaval sofreu com a inserção da música carnavalesca, visto que, inicialmente, não existiam músicas produzidas especificamente para este tipo de manifestação.

A título de complementação buscou-se aprimorar a revisão através de consultas a sites e livros. Dentre os autores pesquisados, pode-se destacar: Roberto da Matta, Edigar de Alencar e Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Posteriormente, a caracterização do jornal e dos colunistas, através da identificação de seus perfis, foi imprescindível para que se pudesse partir para um estudo mais aprofundado e sistemático do objeto.

Com base na análise, verificou-se que as diferentes formações influem diretamente na leitura que cada um faz sobre o tema. Para tanto, foram observados os

² O Projeto Atualidades é uma das atividades desenvolvidas pelo grupo de pesquisa. Trata-se de um debate sobre assuntos que estão em destaque na mídia. Semanalmente um dos integrantes elege uma temática de seu interesse e coordena a discussão.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

discursos de cada colunista e a estrutura de cada artigo, considerando sua relevância de acordo com as especificidades de seus autores.

A partir de então, realizou-se uma análise comparativa dos textos selecionados, enfatizando o caráter interdisciplinar do tema e os diversos ângulos pelos quais ele pode ser abordado.

Metodologia

O estudo definido como “Uma visão interdisciplinar do Carnaval” se configurou como uma análise comparativa dos artigos citados anteriormente, auxiliada por uma revisão bibliográfica sobre o tema e por um debate promovido pelos integrantes do grupo PET de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

Para um maior aprofundamento da pesquisa, fez-se necessária a identificação do perfil do jornal abordado e dos respectivos autores consultados.

A caracterização do *Estado de S. Paulo* baseou-se na obtenção de dados estatísticos atuais, adquiridos através de contato telefônico com o Departamento de Marketing do veículo, e num breve levantamento de seu histórico através de pesquisas via Internet.

A identificação dos perfis dos escritores, por sua vez, realizou-se por meio de suas biografias, conseguidas através de consultas a livros dos próprios e sites.

Por fim, os resultados obtidos foram discutidos entre os autores deste projeto, sujeitos à sua avaliação.

Análise dos resultados

1. Histórico do Carnaval

Estudiosos divergem quanto à origem da palavra Carnaval, tornando o assunto polêmico. Para uns, a palavra advém da expressão latina “carrum navalis”, que remete aos carros navais que realizavam a abertura das dionísias gregas nos séculos VII e VI a.C. Apesar de foneticamente aceitável, a expressão é refutada por diversos pesquisadores sob a alegação de não possuir fundamentação



teórica. Para outros, a mesma palavra surgiu quando Gregório, o grande, em 590 d.C., transferiu o início da quaresma para a quarta-feira antes do sexto domingo que precede a Páscoa. Ao sétimo domingo, deu o título de “dominica de carnes levandas”, expressão que teria sucessivamente se abreviado para “carnes levandas” e, com a influência de dialetos italianos, formado a palavra Carnaval. Afirmam alguns pesquisadores que a palavra Carnaval teria surgido em Milão, em 1130, outros dizem que a festa só teria levado este nome na França, ou ainda na Alemanha em 1800.

Na Grécia, a oficialização do culto a Dionísio teria sido concretizada por Psístrato, governante de Atenas entre 605 a.C. e 527 a.C. Ele, além de incentivar o culto a Dionísio entre os camponeses e os lavradores, organizou oficialmente as procissões dionisíacas nas quais a imagem do deus era transportada em embarcações com rodas, as chamadas “carrum navalis”, simbolizando que Dionísio havia chegado a Atenas pelo mar. Seguindo o cortejo, uma multidão de mascarados, meio a um touro, que depois seria sacrificado, percorria as ruas de Atenas em frenéticas passeatas de júbilo e alegria. Tais festas, que tiveram grande desenvolvimento no séc. VI a.C. acabaram por gerar as chamadas “bagunças dionisíacas”, por isso foram fortemente reprimidas no séc V a.C., no auge do desenvolvimento artístico-cultural da Grécia.

Um dos centros de excelência do Carnaval fixou-se nas cidades de Nice, Roma e Veneza e passou a irradiar para o mundo inteiro o modelo de Carnaval que ainda hoje identifica a festa, com mascarados, fantasiados e desfiles de carros alegóricos e que muitos autores consideram o primeiro Carnaval.

As fantasias de Carnaval permitiram que os homens e as mulheres trocassem os seus papéis. Em suma, era uma época de desordem institucionalizada, em conjunto de rituais de inversão. Não admira que os contemporâneos o chamassem de “época de loucura em que reinava a folia”.

A Igreja, a princípio, colocou-se contra a manifestação, porém ao constatar a ineficiência das proibições dos festejos, ditos pagãos, arraigados no inconsciente coletivo dos povos, tratou de adaptar as festas consideradas profanas ao calendário eclesástico, mas não totalmente desligadas da religião. A intenção da Igreja era “cristianizar” as festas pagãs.

No Brasil, o Carnaval é uma manifestação da cultura popular. No entanto, justamente por ser uma festa popular, recebe influências do folclore e das crenças de cada região adquirindo traços característicos de cada localidade. Existem regiões em que os folguedos são classificados como acontecimentos históricos, porém há outras onde a festa não possui tanta tradição, mas ocorre com igual alvoroço.

A maior festa popular do país acontece em Salvador, onde Carnaval é caracterizado por desfiles de blocos ao redor da orla marítima. Segundo dados extraídos do site: www.nordesteweb.com, são seis dias de folia, cujo público estimado é de



aproximadamente dois milhões de pessoas, sendo desses mais de 600 mil turistas. À disposição deles, estão 614 shows e 162 entidades carnavalescas.

O Rio de Janeiro, por sua vez, é o berço de criação das escolas de samba, que são os alicerces do Carnaval na região sudeste. Assim como o carnaval baiano, a folia carioca é influenciada pela cultura negra.

O surgimento das escolas possibilitou às camadas menos favorecidas da população a oportunidade de trabalharem na confecção das fantasias, carros alegóricos, instrumentos, música e harmonia, conforme as aptidões de cada um.

Alencar (1980) explica que, em 1936, a prefeitura carioca legalizou os festejos e, para isso, fez tais exigências: os temas deviam girar em torno da história brasileira e estava proibida qualquer manifestação política. Já nos anos 40, as escolas cariocas adotaram o samba-enredo, como forma de unir os participantes do desfile em torno de um único tema.

Da Matta (1990) aponta que, com o aumento de figurantes, a direção das escolas passou dos próprios sambistas para pessoas capazes de financiar o alto custo das apresentações: bicheiros, comerciantes e industriais. Quantias passaram a ser pagas a pessoas de fora para um maior sucesso da escola. Com isso esvai-se uma parcela da raiz folclórica e da autenticidade, tornando a competição entre as escolas a principal atração da festa.

O carnaval de São Paulo, a cada ano, assemelha-se mais ao do Rio de Janeiro. Segundo Queiroz (1992), a capital paulista abandonou seus antigos sambas de rua e sucessos do rádio, adotando o samba-enredo. A partir da construção do seu próprio sambódromo, os foliões transformaram os desfiles em atrações para serem assistidas e não mais um folguedo de ruas e praças.

Em linhas gerais, nos últimos anos, observou-se um gradativo processo de depuração de determinados aspectos dos antigos desfiles, que eram justamente os toques de pureza e ingenuidade que os caracterizavam. A competição a que se submetem as escolas exige novidades e extravagâncias que satisfaçam as necessidades comerciais a que estão sujeitas.

2. Perfil do jornal *O Estado de S. Paulo*

No dia 4 de janeiro de 1875, foi impresso o primeiro número do jornal *A Província de São Paulo*. O idealismo e o entusiasmo de um grupo de republicanos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

paulistas iniciavam então uma história de lutas que atravessou décadas. No panorama nacional, começava uma sucessão de batalhas pela independência, defesa das instituições, liberdades democráticas e moralização dos costumes políticos.

A *Província* era a concretização de uma idéia surgida dois anos antes, durante a Convenção de Itu, que serviria de propaganda dos ideais republicanos e abolicionistas. Seus redatores, Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, iniciaram uma sociedade que não admitia o trabalho escravo. Era feita uma tiragem de 2 mil exemplares, para uma cidade que na época tinha 25 mil habitantes.

A monarquia agonizava em consequência da intensa campanha dos que desejavam mudar a estrutura política da Nação e, com a proclamação da República, o jornal passou a se chamar *O Estado de S. Paulo*.

No final da primeira década do século XX, o jornal chegou a uma tiragem de 30 mil exemplares diários e chegou a enfrentar problemas com a censura e a dissidência dos republicanos. Defendia a institucionalização do voto secreto, a democratização do ensino e a criação de leis trabalhistas mais dignas.

Durante a 1a. Guerra Mundial, fez campanha contra o militarismo e, em 1924, como resultado da revolução que começou em São Paulo, o *Estado* foi fechado. A Revolução de 32 foi sufocada e, entre os revolucionários banidos para o exílio, estavam diretores e redatores do jornal.

Com o fim do regime militar, o *Estado* consolidou-se como um dos grandes veículos da mídia impressa. Em 1988, uma ampla reforma administrativa foi desencadeada e o perfil da S.A. *O Estado de S. Paulo* começou a mudar; as empresas do grupo foram se fortalecendo, dentro do que sempre foi a sua linha de atuação: a informação. Atualmente a S.A. *O Estado de S. Paulo* participa diretamente das seguintes empresas: *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Rádio Eldorado Ltda.*, *Estúdio Eldorado Ltda.*, *OESP Gráfica S.A.*, *OESP Distribuição e Transportes S.A.*, *Agência Estado Ltda.* e *Broadcast Teleinformática Ltda.*. Em 1994, o Grupo Estado apresentou um faturamento global de US\$ 394,3 milhões, com um lucro líquido de US\$ 25 milhões.

Segundo dados fornecidos pelo departamento de Marketing do jornal, o veículo conta, hoje, com uma tiragem diária de um milhão, duzentos e setenta e sete mil,



quatrocentos e noventa (1.277.490) exemplares, sendo que 14,2% deste total concentra-se na cidade de São Paulo. Aos domingos, este número aumenta consideravelmente para um milhão, quatrocentos e noventa e oito mil, duzentos e quarenta e três (1.498.243), ou seja, sofre um aumento de 14,7%.

O público a que se destina estas publicações é composto por 47% do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Destes, 44% dos leitores pertencem à classe AB e 36% à classe C (Critério Brasil). A faixa etária compreendida pela maior parte dos leitores situa-se entre 20 e 39 anos, cerca de 50% do total.

Sabe-se que um jornal diário, em sua maioria, é composto por duas seções: a informativa e a opinativa. No caso do *Estado*, a seção opinativa possui um espaço permanente para a publicação de colunas, que conta atualmente com vinte e nove articulistas que abordam diferentes temas. Dentre esses, quatro compõem a amostra do presente trabalho: Rachel de Queiroz, Luis Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor e Roberto da Matta.

3. Perfil dos escritores

Rachel de Queiroz – professora, jornalista, romancista, cronista e teatróloga – nasceu em Fortaleza, em 1910. Foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras em agosto de 1977.

Com 20 anos apenas, projetou-se na vida literária do país, defendendo o romance de fundo social. Ao longo de sua carreira, marcada por influências modernistas, escreveu para o jornal *O Ceará*, colaborou no *Diário de Notícias* e em *O Cruzeiro*, além de ser membro do Conselho Federal de Cultura desde sua fundação até sua extinção.

Em 1988, iniciou sua colaboração semanal no jornal *O Estado de S. Paulo* e no *Diário de Pernambuco*.

Luis Fernando Veríssimo nasceu em Porto Alegre em 1936. Desde a década de 60, escreve na imprensa tendo colaborado com os principais jornais e revistas do país. Publicou o romance *O Jardim do Diabo* e mais de trinta livros, incluindo crônicas, cartuns e histórias em quadrinhos. O escritor não poupa irreverência em seus trabalhos e a versatilidade é sua marca registrada.

O carioca Arnaldo Jabor, por sua vez, possui uma formação generalista. Já trabalhou como técnico de som, crítico de teatro, roteirista e diretor de curtas e longas-metragens, tais como *Toda Nudez Será Castigada*, *Eu Te Amo* e *Tudo Bem*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Foi no ano de 1991 que Jabor abandonou o cinema para investir na carreira jornalística. Sua vasta experiência, sem dúvida, contribuiu para que ele se tornasse um crítico de diversos assuntos.

Sua estréia no Jornal da Globo foi, em 1995, como comentarista dos fatos políticos, culturais e de comportamento do país. A ironia dos comentários – sua marca registrada – também foi levada para o Bom Dia Brasil e Jornal Nacional.

Nascido em Niterói, em 1936, o antropólogo Roberto da Matta escreveu seus primeiros livros sobre culturas indígenas. Para o escritor, essa experiência foi fundamental: “Fiz pesquisa de campo com os índios, e deste período rico e confuso acabei tendo uma consciência aguda de minha própria divisão interna: um lado aventureiro e viajante; outro introspectivo e ancorado numa biblioteca onde nada pode sair do lugar”. (Roberto da Matta, 1985)

Duas de suas obras podem ser consideradas como tendo objetivos de decifrar a cultura brasileira: *Carnavais, malandros e heróis* (1979) e *A casa e a rua* (1985).

4. Análise comparativa

O escritor Luis Fernando Veríssimo, em seu artigo *Guia do Carnaval*, aborda de forma irônica – própria do seu perfil – o Carnaval como fonte de Turismo.

De forma caricatural, o autor cria um estereótipo do estrangeiro que vem ao Brasil em busca das festas carnavalescas e propõe-se a publicar para este elemento um “pequeno guia para sua orientação”, além de um “glossário com as principais palavras e frases que ele ouvirá durante sua estada”.

Ao definir o Carnaval – para o turista, ‘Car-nah-val’, segundo o autor –, Veríssimo deixa claro qual a posição que irá assumir perante o tema. De forma explicativa e informal, ele dialoga com a suposta figura do estrangeiro sem abandonar seu estilo jocoso que pode ser exemplificado com a frase: “Quanto dura o Carnaval? – O Carnaval é um tríduo de quatro dias: sexta, sábado, domingo, segunda e terça”.

Por trás desse ambiente descontraído, há uma crítica à comercialização dessa festa popular, que se torna quase imperceptível dentro do contexto. Tal artimanha pode ser ilustrada com o seguinte trecho: “As escolas de samba (“samba schools”) são escolas públicas que, com a falta de apoio dado à educação no Brasil, foram obrigadas a buscar outras fontes de renda e hoje vivem de vender fantasias para turistas e depois desfilar para o turista não pensar que foi logrado”.

Da mesma forma, em *De camisa amarela, volto aos velhos carnavais*, Arnaldo Jabor faz uma crítica, porém mais severa e explícita, à exploração do Carnaval como fonte de recursos. Assim como Veríssimo, o jornalista utiliza-se da ironia, ainda que de maneira



distinta. Ele assume claramente seu posicionamento e, portanto, sua mensagem apresenta-se mais objetiva. Veríssimo, por sua vez, compõe uma estrutura mais descontraída para transmitir sua mensagem. De qualquer maneira, por trás do discurso de ambos há uma intencionalidade, que tem por objetivo final induzir o leitor à reflexão a cerca do tema.

Jabor faz uma comparação entre o que chama de “carnavais do Rio da minha infância” e o que considera “um tema para o mercado”. Em outras palavras, segundo ele, “o carnaval deixou de ser dos foliões para ser um espetáculo para os outros; o carnaval deixou de ser vivido para ser olhado”.

O articulista inicia seu texto afirmando: “Carnaval para mim era o cheiro”, aludindo ao lança-perfume Rodouro Metálico, que julga ser “o belo símbolo do carnaval”. Logo em seguida, Jabor expressa todo seu descontentamento de maneira até mesmo nostálgica: “Quando proibiram o Rodouro Metálico – acho que foi na ditadura –, senti que alguma coisa se perdeu na alegria das avenidas”. O saudosismo expressado é consequência do que ele considera o verdadeiro Carnaval: o das décadas de 40 e 50.

No entanto, a crítica não se limita à concepção de Carnaval como a conhecemos hoje. Jabor também condena a época da ditadura, a atual organização dos times de futebol, a massificação da sociedade moderna, enfim, a estrutura do sistema contemporâneo.

De acordo com ele, “Nossa fraqueza nacional devia ter sido curada por outros métodos; não pela violência das mudanças que a ditadura trouxe e, depois, a globalização americana sacramentou”. É evidente sua insatisfação para com as transformações sofridas pela cultura nacional: “naquele atraso havia ainda uma preciosa alma brasileira, um ritmo humano de esperança que se via não só no carnaval, mas também no futebol”.

O crítico vai além e chega a acreditar que esses elementos, que compõem a identidade brasileira, seriam o caminho do país: “tenho vontade de chorar quando lembro de um Brasil que estava seguindo seu próprio rumo (...) e que de repente se viu jogado num processo vertiginoso que não era o seu, num crescimento destrutivo e bruto”. Por fim, ele confirma sua posição: “Em matéria de saudades, sou nacionalista”.

A escritora Rachel de Queiroz, contudo, segue um outro caminho. Seu artigo *Imperatriz, Mangueira, Beija-Flor, etc.* é categórico. Para ela, quem escreve sobre Carnaval costuma insistir em dois aspectos: “Carnaval bom era o antigo” e “Carnaval hoje é só para turista. O povão foi expulso da festa”. Em seguida, ela propõe uma reflexão aos seus leitores, questionando estas posições: “Será verdade?”.

Lançada a interrogação, a autora se justifica: “Se o carnaval piorou, não parece. Os moços ainda se divertem muito por este Brasil todo”. Confrontando os textos escolhidos, nota-se que, ao assumir essa posição, a jornalista contesta a argumentação de Arnaldo Jabor, afirmando que a festa apenas mudou. Em outras palavras, não há uma evolução ou involução do festejo, apenas uma transformação, uma adaptação à época em que acontece.

Nesse sentido, pode-se dizer que há três interpretações implícitas na frase “os moços ainda se divertem”. Num primeiro momento, Rachel de Queiroz identifica o público a que se destina a festividade – os jovens; num segundo, sugere que aqueles que nela não



encontram mais diversão, conseqüentemente, já não mais estão inseridos neste contexto. E, para finalizar, utilizando a terceira pessoa do plural, a escritora abstrai-se deste cenário.

De outra maneira, ao mencionar a participação dos turistas no Carnaval, diferentemente de Luis Fernando Veríssimo, a escritora adota uma outra abordagem.

Neste caso, ambos os textos tratam do mesmo assunto, porém com enfoques distintos. Se, por um lado, em Veríssimo, o turista é o foco central e tudo se relaciona a este personagem; por outro, em Rachel de Queiroz, ele é apenas mais um dos elementos que compõem o “show gigante”.

Show este que, segundo ela, é a “grande realização das massas”, o “palco iluminado” que envolve “centos de milhares de atores”, representados por integrantes das classes menos favorecidas, que ao longo de todo o ano preparam o “grande espetáculo”.

Como se pode notar, a autora ressalta o valor que o povo tem para o evento, chegando a exprimir uma visão mais positiva do acontecimento, à medida que enfatiza sua importância social.

Se para o cronista o turista é quem sustenta o Carnaval, para ela, “o povão é o espetáculo”. A literata exemplifica: “Toda a massa humana que desfila (...) é formada pelo pessoal dos subúrbios mais modestos, do morro e suas favelas (...) que vêm sambar, cantar e exibir-se para os ricos e os turistas”.

Assim, mesmo admitindo a presença destes últimos, Rachel de Queiroz complementa: “se a classe média e os turistas já se infiltram entre os figurantes da escola, esses penetras (...) docilmente se submetem aos figurinos e à confecção das fantasias saídas das mãos das costureiras da escola, nos seus barracões”.

De modo geral, vale lembrar que a romancista assume um posicionamento diferente ao de Jabor, acreditando que o Carnaval ainda é motivo de comemoração, e também distinto ao de Veríssimo quando assume o povo como essência da festa.

Assim, é interessante notar que a jornalista se contrapõe a posição dos autores, mesmo sendo seu artigo anterior ao deles. O texto de Rachel de Queiroz foi publicado em 09 de fevereiro, um dia antes de Veríssimo e três antes de Jabor.

Roberto da Matta, em *O grande seqüestro do Brasil pelo Brasil*, assim como a escritora, também atenta para a mistura de classes sociais que ocorre durante o período. O antropólogo afirma ser este o momento em que todos se igualam pela sua beleza física e pelo seu desempenho perante a dança e a música. Em outras palavras, “Brasil que se democratiza radicalmente pela nudez sorridente do corpo livre e fantasiado do seu Carnaval”.

Nesta mesma afirmação, ao citar a questão da nudez de forma até mesmo lírica, Da Matta distingue-se de Arnaldo Jabor. Para este último, “... há os corpos, excessivamente nus, montanhas de bundas competindo em falsa liberdade”.

De qualquer maneira, Roberto da Matta desenvolve uma outra leitura acerca do Carnaval. O escritor, num primeiro momento, define a manifestação como um “ritual” com capacidade de “levar as pessoas a um certo tipo de isolamento e distância do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mundo ‘real’, o universo das coisas comuns e sem magia; o espaço do trabalho e da desilusão’. Num segundo momento, detém-se primordialmente em analisar a relação entre o festejo e o trabalho, traçando um paralelo entre ambos.

Sendo assim, para ele, o Carnaval é a ocasião que conduz as pessoas para um plano ideal, que “compartimentaliza o mundo inventando alegorias, metáforas e figurações”, na qual “colocamos entre colchetes a nossa vida diária”, praticando um “grande e intrigante seqüestro coletivo”. De acordo com o antropólogo, o festejo é, sem dúvida, “a decretação do fim das obrigações para com o ‘trabalho’”.

Logo após, seu texto desvia-se temporariamente da temática do Carnaval, para discorrer exclusivamente sobre a questão do trabalho, classificando suas diferentes formas – tais como braçal e manual, leve e pesado – e ponderando seu significado perante a sociedade. Segundo ele, o trabalho “foi o cimento pelo qual fundamos a hierarquia e as gradações que até hoje permitem falar de pessoas de 1ª, 2ª e 3ª qualidade e dos ‘desclassificados’”.

A partir dessa discussão, mais adiante Roberto da Matta retoma o debate sobre o Carnaval, traçando uma ponte entre ambos. A época de folias é classificada como um momento único no qual as pessoas trabalham voluntariamente e, acima de tudo, em solidariedade.

Por fim, o autor fala em “grande paradoxo”, “notável reviravolta” e até mesmo “infernai inversão” que caracterizam este “gigantesco, porém impensado, seqüestro festivo”.

Conclusão

A partir da análise dos resultados, pode-se concluir que não há uma leitura consensual acerca do tema. Os autores analisados expressam diferentes visões sobre o Carnaval, sendo essas percepções reflexo das variadas formações intelectuais que cada um possui.

No entanto, a interdisciplinaridade que essas formações conferem ao tema não impede que haja concordância em um aspecto: a importância do Carnaval para a formação da nacionalidade brasileira.

Assim, poder-se-ia dizer que o Carnaval é de todos e de cada um. Isto significa que o festejo seria como um molde à época em que vive, às pessoas que o fazem e também às que sobre ele dissertam.

Desta forma, o Carnaval – como fruto de um conjunto de fatores políticos, econômicos, culturais e sociais, que se alteram com o passar das décadas – recebe influências diretas de mudanças históricas, alterando igualmente seu retrato. Em outras palavras, trata-se de um reflexo do momento. Neste sentido, o Carnaval se torna uma



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ótima fonte de estudos para se perceber os valores da sociedade da época em que está inserido.

Por fim, a interdisciplinaridade a que se propôs este estudo possibilitou uma maior compreensão tanto do processo histórico quanto da significação do Carnaval para a identidade nacional.

Referência Bibliográfica

1. Livros

ALENCAR, Edigar de. O Carnaval Carioca Através da Música. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. 2ª edição. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MATTA, Roberto da. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

_____. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. O analista de Bagé. 15ª edição. Porto Alegre: L&PM, 1981.

2. Artigos de jornais

JABOR, Arnaldo. De camisa amarela, volto aos velhos carnavais. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 12 fev.2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em 12 fev.2002.

MATTA, Roberto da. O grande seqüestro do Brasil pelo Brasil. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 14 fev.2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em 14 fev.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

QUEIROZ, Rachel de. Imperatriz, Mangueira, Beija-Flor, etc.. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 09 fev.2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em 09 fev.2002.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Guia do Carnaval. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 10 fev.2002. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em 10 fev.2002.

3. Sites

“Academia Brasileira de Letras”. <www.academia.org.br>. Acesso em 16 de fev.2002.

“Carnaval”. <www.carnaval.com>. Acesso em 05 de fev.2002.

“Estadão.com.br”. <www.estadao.com.br>. Acesso em 09 de fev. 2002.

“Globo.com”. <www.globo.com>. Acesso em 16 de fev.2002.

“NordesteWeb”. <www.nordesteweb.com>. Acesso em 05 de fev.2002.

“Releituras”. www.releituras.com/ra_chequei.htm. Acesso em 17 de fev.2002.

“Salles Gatto Produções”. <www.geocities.com/sallesgatto/historico.html>. Acesso em 05 de fev.2002.